

Google e a dissolução do tempo

Por Sonia Montañó

O desafio que o antropólogo e historiador italiano Carlo Ginzburg assumiu na noite de ontem, última conferência do *Fronteiras do Pensamento 2010*, foi o de falar sobre a internet e o Google. Uma tarefa arriscada, tendo de evitar ufanismos tecnológicos ou visões apocalípticas e, ainda, conservar o rigor e o detalhe da micro-história do cotidiano. O caminho percorrido para apresentar sua visão sobre *História na Era Google* foi narrar a história dos andarilhos do bem, que chamou sua atenção no início das pesquisas do livro *O queijo e os vermes* (Companhia das Letras). O pesquisador demonstrou como a internet influencia os dois sentidos da palavra história: a historiografia, “história contada”; e os processos históricos, “história vivida”.

Como metáfora do bom uso da rede mundial de computadores, Ginzburg trouxe uma frase bíblica atribuída a Jesus: “Ao que tem se lhe dará”. Para o historiador a escola e a internet precisam-se mutuamente e quem aprende a ler um livro lentamente, saboreando-o, consegue também fazer um bom uso de tanta informação on-line. Contudo, quem não tem o aprendizado anterior pelo livro, pode ficar restrito apenas às informações falsas, o que não falta na web. “Devemos saber como dominar os instrumentos de conhecimento. A internet não só referencia os livros, ela os pressupõe”, disse o estudioso.

Leituras transversais

O conferencista tentou refletir sobre o que é e o que não é realmente novo na internet. Para isso, citou Roger Chartier, presidente do Conselho Científico da Biblioteca Nacional da França e seu amigo pessoal. Referindo-se ao Google books, Chartier teria dito que, com a digitalização de milhões de obras, a ferramenta privatiza bens públicos de forma quase monopólica e induz a uma leitura fragmentária que isola frases e palavras e apaga a especificidade dos suportes materiais.

Contudo, para o visitante e para o próprio Chartier, a leitura fragmentada não é novidade da web. “Nenhuma teoria explica as inumeráveis conexões que são rapidamente desencadeadas quando lemos um texto”, disse. Ele lembrou como o índice, por exemplo, foi inventado para ler a Bíblia, encontrar rapidamente uma passagem e ajudar a preparar aulas e sermões.

Os andarilhos do bem

O autor de *Os andarilhos do bem* lembrou que essas figuras do final do século XVI e da primeira metade do século XVII eram os defensores das colheitas, agindo contra bruxas e feiticeiros, a quem, em sonho ou durante um delírio, combatem com ramos de erva-doce nas mãos. Em caso de vitória, as colheitas de trigo ou de uva seriam soberbas no ano seguinte; e na derrota, o resultado seria a fome. Esses andarilhos do bem, de religiosidade não cristã, ligados à fecundidade agrícola e às crenças perigosas no além, mostravam afinidades estreitas com o fantástico.

Ginzburg teria descoberto essas figuras, homens e mulheres que buscam o bem, através de um texto que encontrou por acaso entre os julgamentos do Santo Ofício. Todos eles diziam ter nascido com uma roupa provinda da membrana fetal. Suas histórias envolviam transformações em lobisomens e animais, assim como aparições de anjos.

Estes mundos distantes levaram Ginzburg a buscar vínculos intermediários como a releitura do ensaio de Freud sobre o homem lobo. O livro alude a um paciente de Freud que teve um sonho marcante com lobos e teria dito que nasceu com uma membrana. O menino não se tornava neurótico e sim um lobisomem.

O Google e a história de Diana

Em setembro de 2010, o antropólogo recebeu uma carta de uma jovem da Sibéria, enviada da Rússia e escrita em inglês. A jovem escrevia pedindo informações sobre os andarilhos do bem, já que ela teria nascido com um revestimento amniótico na cabeça, uma espécie de membrana, e desde criança ouvia uma voz falando consigo. A jovem, que recebeu de Ginzburg o nome fictício de Diana, também teria visto anjos e sofrido ataques epiléticos. Por tudo isso ela acreditava ser uma andarilha do bem. Confiava ao conferencista esse segredo que só tinha contado a poucas pessoas, entre outros um padre católico que foi quem encaminhou a correspondência pelo correio. Ela teria dito ao padre que o anjo lhe contou sobre a lenda dos andarilhos do bem, sobre a qual, aos 19 anos, leu no Google.

Perplexo, depois de ler a carta, Ginzburg buscou no Google informações sobre o padre e confirmou com ele toda a história, também entrando em contato com a própria Diana.

A pesquisa do Google de Diana teria iniciado com a expressão “nascidos envolvidos por membrana fetal” e acabou encontrando uma entrevista com o próprio conferencista, por isso o contato. “Google é uma máquina de busca muito poderosa, mas sem uma pergunta que o acione não funciona”, enfatizou o historiador. Após alguns contatos com Diana, Ginzburg lhe enviou dois de seus livros que aumentaram a identificação entre ela e os andarilhos. Diana afirmava não crer em coincidência, e se importar com a verdade mais do que tudo, coisa que também importava ao conferencista. “Ela perguntou se eu era ateu, eu disse que sim, que não acreditava no anjo dela mas acreditava nela. Aí entendi que “crer” e “verdade” tinham diferentes sentidos para mim e para ela. A analogia entre ela e os andarilhos, que eu achava ilusória, se tornou possível pelo uso do Google”, explicou. Se Diana achava que era uma andarilha, Ginzburg não queria convencê-la do contrário para não agir como inquisidor ou psicanalista. Era impossível tentar transpor essa verdade dela: escrevia porque queria fazer contato com os andarilhos e esperava não ser a única deles. “Quando começou a sofrer ataques epiléticos foi que se perguntou o porquê disso tudo e encontrou a resposta no Google”, explica o historiador.

O conferencista destacou a imprevisibilidade dos usos da rede de computadores e dos motores de busca. “Em poucos minutos e graças ao Google Diana transitou por 15 séculos e diversos territórios”, disse. Para ele, a história de Diana demonstra que o Google é um poderoso instrumento de pesquisa histórica e de cancelamento da história. “O passado se dissolve. Presente, passado e futuro do mundo se tornaram mais frágeis”, encerrou o antropólogo.

Após a conferência, Ginzburg respondeu às perguntas do debatedor Francisco Marshall. O encerramento da noite foi com uma sessão de autógrafos do conferencista e também do escritor Affonso Romano de Sant’anna e do historiador Gunter Axt, com a obra *Fronteiras do Pensamento: ensaios sobre cultura e estética*, publicada pela Editora Civilização Brasileira, que reúne as principais conferências da segunda edição do seminário internacional.

Está confirmada a edição 2011 do curso de altos estudos *Fronteiras do Pensamento*.